

O PAPEL DA ITÁLIA NA DINÂMICA ECONÔMICA DA EUROPA CONTEMPORÂNEA E AS REDES

Entrevista com **Prof. Dr. Alessandro Gallo***, em 30/08/2001, concedida para Celso Locatelli** e Marcelo Cervo Chelotti***.
(Sala de reuniões do PPGG, FCT/UNESP, Presidente Prudente)

Marcelo Cervo Chelotti: Quem é o Prof. Alessandro Gallo e quais os trabalhos desenvolvidos?

Alessandro Gallo: A tese de doutorado que defendi tratava do anel viário de Roma (Geografia Urbana), uma pesquisa realizada com uma metodologia empírica. Através da observação realizei uma análise da expansão urbana de Roma associada à construção de uma autopista. O segundo trabalho foi um estudo sobre a região de Lazio (Geografia Rural), que se situa em torno de Roma. Em seguida, desenvolvi um estudo sobre os *contract farming*, organização da agricultura – o agribusiness – onde os proprietários contratam uma firma para cultivar suas terras, utilizando uma grande quantidade de máquinas; é um processo de terceirização da produção agrícola.

O que me levou a fazer geografia foi minha sensibilidade pelo território, pois a história tem uma metodologia cronológica (diacrônica) e a Geografia tem uma maneira sincrônica, possibilitando externalizar o empírico e o humano, não visando somente um desenvolvimento histórico, um momento particular.

Um nome muito importante na minha formação é Immanuel Wallerstein, que em um de seus livros, explica porque a África existe. Quando falamos na África, Índia ou na América do Sul, usamos uma terminologia contemporânea, mas fazer a geografia ou a história da Índia atual não é a mesma coisa do conceito da Índia de 1800.

* Professor da Universidade Ca' Foscari de Veneza, Itália.

** Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP – Presidente Prudente (SP). Bolsista CAPES. E-mail: celoennes@hotmail.com

*** Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia FCT/UNESP – Presidente Prudente (SP). Bolsista CAPES. E-mail: chelotti@bol.com.br

A palavra utilizada para designar um objeto, uma realidade geográfica é uma palavra do hoje, pois no passado soaria diferente. Wallerstein diz que a coisa mais inteligente é estudar a história com início no presente para voltar ao tempo antigo. A geografia tem uma concepção sincrônica e, na Itália, um elemento muito particular é a cultura. A cultura italiana é uma cultura que resulta de um longo processo histórico. Na Itália, quando uma pessoa visita uma região a coisa mais importante é a história do local.

Para o geógrafo, a coisa mais importante é a organização do território, a especialização funcional/sistêmica, que é uma abordagem muito utilizada por nós. Eu não posso dizer que a história tem uma importância menor, mas a sensibilidade geográfica é uma sensibilidade maior, explicar o presente somente pelo passado, é um processo fundamental. Na Itália, a maioria das pessoas, dos pesquisadores e professores, têm uma formação na qual a história é a rainha das ciências humanas. Não posso dizer que é uma coisa errada, pois a importância da história na nossa cultura é muito importante.

Todo meu interesse na geografia começou na escola fundamental. Ainda guardo em casa meu primeiro Atlas. Lembro que desde pequeno eu olhava para o Brasil, para a China, não com um olhar científico, e ficava imaginando como seriam esses países, isso usando a sensibilidade e não a razão.

Uma abordagem geográfica depara-se com a diversidade e a pluralidade. Cada povo tem uma maneira diferente de se relacionar com a realidade. O brasileiro, por exemplo, tem um jeito de resolver seus problemas, que é diferente do italiano ou do francês. Assim, é totalmente inviável tentar exportar o modelo da pequena empresa da terceira Itália para o Brasil, ou para a África.

Depois do doutorado, desenvolvi pesquisas sobre a agricultura; trabalhei em uma instituição que produz enciclopédias, uma das mais importantes da Europa (Istituto dell'Enciclopedia Italiana). Depois trabalhei na Universidade de La Sapienza de Roma e atualmente trabalho na Universidade Ca' Foscari de Veneza. Primeiro trabalhei com Geografia Agrária, depois Urbana e atualmente tenho uma paixão pelas redes,

pela informática, pois na Itália, como na Europa, como em todo o mundo, inclusive no Brasil, o impacto da revolução tecnológica é tão grande que repercute no ambiente social e econômico de forma muito relevante, provocando profundas transformações.

As redes possuem importância não só pela reestruturação econômica e social, mas também conceitual; a constituição do espaço da informação tem implicações no conceito de território e de fronteira. O espaço comum é baseado no espaço contínuo, sem apresentar quebras ou interrupções. O espaço da informática, das redes, na realidade não existe, são vazios contínuos, pois no interior de uma rede o que soa mais importante são os nós.

Celso Locatelli: Em relação à produção geográfica, qual a trajetória do pensamento geográfico na Itália nas últimas duas décadas? Quais as correntes de pensamento predominantes e o que está sendo produzido?

Alessandro Gallo: No último período, um elemento/concepção importante é a paisagem, embora sendo um conceito muito antigo do início do século XX.

Entre 1950 e 1980, os elementos da paisagem eram considerados elementos desligados, sem movimento. Depois do desenvolvimento da teoria sistêmica, introduziu-se o movimento – concepção funcionalista. No entanto, a utilização da concepção estática dos elementos da paisagem continuou, pois, na Itália, tem uma corrente da geografia que estuda os monumentos, a geografia dos bens culturais, o patrimônio, sem estabelecer relações destes elementos com os demais que fazem parte da paisagem.

Por exemplo, um prédio romano ou uma ruína que se situa no campo ou na cidade, se for analisado sem levar em consideração todas as coisas do seu entorno, se falará de um elemento sem ligações com o todo. O resultado é que esse prédio não é útil e nem funcional; como se diz na Itália: como alcaçofras no campo, ou seja, não serve para nada.

Não é possível utilizar o conceito de paisagem desvinculado de território. Não existe paisagem sem território, pois o território é uma

trama, possível de ser destruída na evolução contemporânea através da transformação da paisagem.

Hoje, na Itália, um tema muito abordado é a reconstrução do território; o território destruído pelo desenvolvimento e pela evolução da economia. Por exemplo, no passado, para a construção de autopista na Itália, a empresa não considerava a paisagem, nem considerava os elementos naturais da paisagem, que possuem um valor cultural. A cultura não é somente o espaço construído pelo homem, como um edifício antigo, mas também é a morfologia do terreno, uma montanha, um rio; todos esses elementos possuem valor cultural.

Nos últimos 20 anos a paisagem italiana, que é uma paisagem muito particular, pois tem muitos elementos históricos e culturais importantes, tem sofrido agressões, pois as forças econômicas são muito fortes. Por exemplo, ao construir uma autopista, não consideram que ao lado tem uma igreja muito antiga, ou que a autopista poderia arruinar o panorama. Essas são conseqüências do desenvolvimento. Esse tipo de obra tem provocado muitas discussões na Itália.

Mas, atrás dessa velha Itália existe um passado histórico muito rico, um desenvolvimento, um funcionalismo. Por isso, atualmente, em grande parte dos estudos que vêm sendo desenvolvidos utiliza-se a abordagem sistêmica.

Celso: Quais os aspectos positivos e negativos da constituição da UE para a Itália e para os demais membros? O que representa a UE frente a geopolítica mundial contemporânea?

Alessandro Gallo: A União Européia teve sua origem após a Segunda Guerra Mundial, quando pessoas como De Gasperi, pela Itália, Adenauer, pela Alemanha e Schumann, pela França decidiram fazer um planejamento em conjunto, ou seja, formar uma comunidade econômica e política ao mesmo tempo.

Essa iniciativa de planejamento em conjunto foi estimulada pela situação que se encontrava a Europa após a Guerra. Grande parte das cidades estavam destruídas pelos bombardeios, inclusive italianas.

Um outro fato que possibilitou a constituição das comunidades foi a situação da Inglaterra, que mesmo tendo vencido a Guerra, saiu perdendo; perdeu o império.

Na verdade, o correto não é dizer que há uma comunidade, mas sim três comunidades, que são: uma do carvão e do aço, a comunidade européia, com ênfase comercial e a da energia nuclear.

A Itália é um dos países fundadores da comunidade. Este fato foi e é muito importante para o seu desenvolvimento econômico. A constituição da UE representa a formação de um mercado muito maior, com cerca de 300 milhões de consumidores, o que abriu a possibilidade de crescimento econômico através do aumento nas vendas para esse novo mercado.

Nos últimos anos, todavia, se evidencia uma contraposição no centro da UE – podendo reconhecer a aproximação da França com a Alemanha, denominada de “Framania” – e a aproximação dos estados marítimos – Itália, Espanha e Reino Unido – que têm uma política comum de desenvolvimento.

As vantagens da Itália foram o mercado maior e as oportunidades políticas de poder falar de igual para igual com a França, com a Alemanha, situação que não se estabelece com a Inglaterra, pelo fato deste país manter cooperação com os USA, em detrimento dos países europeus.

A Itália ganhou vantagens políticas, pois a UE é uma instituição que tem maior influência internacional que países sozinhos. Ganhou também na economia, pois hoje a Itália é um país industrializado e tem a possibilidade de atuar em um mercado enorme; tem a possibilidade de estar inserido no contexto mundial nas mesmas condições que a França e a Alemanha, situação essa que não se verificava no passado.

No processo de regionalização do mundo, o Mercosul na América do Sul, por exemplo, que tem uma configuração muito diferente da União Européia, mas que tem uma razão para a América Latina, o Nafta na América do Norte, a Apec na Ásia, todos estão evoluindo em direção a uma organização mais regionalizada que no passado. Porém, a UE tem um papel importante na organização mundial, por se constituir

numa grande potência econômica e não numa potência militar, tendo assim um lugar relevante no cenário político. Essa posição da Europa é garantida pela sua expressividade no cenário comercial mundial.

Os Estados Unidos e os países da Ásia têm respeito pela EU, porque ela representa uma agregação de 300 milhões de pessoas e um PIB maior que o dos EUA. O poder americano está apoiado nas relações militares estabelecidas com todo o mundo, ou seja, é um poder bélico. A Europa tem outra idéia de poder; um poder apoiado nas relações comerciais, como no passado as repúblicas do mar, Veneza, Pisa, Gênova, que tinham um poder comercial e ligações culturais com várias regiões e povos. O estabelecimento de ligações culturais com a América do Sul, África do Norte, Ásia e com o mundo árabe é um elemento importante para a Europa no cenário mundial.

Celso: Podemos observar na atualidade um desequilíbrio de poder entre os membros da UE, com uma certa hegemonia da Alemanha. Como este fato está sendo encarado pelos membros da UE? Existe uma preocupação em evitar esse desequilíbrio? O Euro seria um elemento amenizador desse desequilíbrio ou poderá reforçar essa situação?

Alessandro Gallo: A União Européia é uma agregação muito grande. No seu interior existem outras agregações menores. Uma agregação importante é entre a França e a Alemanha, que representam o coração europeu neste momento, com os quais a Itália, a Espanha e a Inglaterra têm ligações muito estreitas. As relações que se estabelecem com essa ligação servem para manter o equilíbrio no bloco.

O Euro na realidade é um instrumento utilizado para conter e enfrentar o poder da Alemanha, porque a Alemanha, para viabilizar a implantação do Euro, renunciou ao Marco, uma moeda que, no passado, foi um instrumento de dominação econômica muito forte.

O Marco foi um instrumento da hegemonia da Alemanha na Europa do Leste, na Eslovênia, Polónia e na República Checa. Você podia pagar uma conta com Marco em qualquer país com ligações com a Alemanha, como ocorre no Paraguai onde pode-se pagar contas em dólar pelas suas ligações com a moeda americana.

Ao renunciar a sua moeda, a Alemanha perde poder. Na realidade a renúncia ao Marco ocorreu em 1989. A reunificação alemã ocorreu mediante o estabelecimento de acordos. Os americanos tinham 400 mil soldados na Alemanha, que representava uma área de influência estratégica americana, mas também européia, porque juntos com os americanos estavam franceses e ingleses, potências vencedoras da segunda guerra mundial. Assim, para a concretização do projeto de reunificação os alemães tiveram que aceitar algumas condições impostas por esses países e uma delas foi a criação da moeda única para a UE. Para realizar a reunificação a Alemanha renunciou o poder do Marco, e nesse momento, Itália, Espanha e Inglaterra tiveram interesses comuns, com o objetivo de constituir uma área periférica para enfrentar o poder tão grande da França e da Alemanha.

A realização de um mercado único com uma só moeda pode, sem dúvida, iniciar uma série de fenômenos de redistribuição da riqueza e de realocação dos fatores produtivos que poderão ser definidos como uma espécie de "Euroglobalizzazione" (Euroglobalização).

Celso: Sabemos que, com o fenômeno da globalização, está ocorrendo em algumas partes do mundo um processo de reestruturação espacial para que estas se insiram de alguma forma em uma das redes existentes ou que está se constituindo. Desse ponto de vista, pode-se considerar que há uma estratégia de desenvolvimento local e um marketing territorial, definido por políticas públicas na Itália? Podemos considerar que existam espaços preferenciais para a constituição das redes?

Alessandro Gallo: A reestruturação, provocada pela globalização, não está baseada em políticas públicas, pois na Itália e na Europa, observa-se a falta de ações políticas e, ao mesmo tempo, a grande importância dada aos aspectos tecnológicos.

O mundo econômico/tecnológico tem nas mãos o desenvolvimento geral na Itália, pois são poucas as políticas territoriais implementadas pelo Estado. As diferenças políticas observadas entre os partidos políticos italianos são muito menores que no passado. Observa-

se um substrato muito similar entre eles. Este fato faz com que ocorram muitas mudanças no direcionamento das políticas públicas.

Até os anos 70/80 podia-se observar uma diferença entre esquerda e direita. Hoje há diferenças, obviamente, mas a idéia é que eu não posso dizer que sou contra o desenvolvimento das telecomunicações, por exemplo, é uma coisa louca, tanto na Itália como na Europa. Assim, pode-se dizer que as políticas públicas não estão voltadas para o desenvolvimento territorial.

O desenvolvimento tecnológico e econômico é muito perverso, a ponto do governo perder o controle sobre as empresas. Os aspectos tecnológicos e econômicos têm maior importância, nas tomadas de decisões, que os aspectos ideológicos. O embate ideológico, aqui no Brasil, está muito presente, diferente da Europa, onde tem uma importância menor nesse momento. Isso acontece porque, para cerca de 90% da população, o que importa são os resultados econômicos.

Na Europa ocidental, pode-se realizar a privatização porque há um nível de segurança pública que permite a manutenção da população, coisa que não se observa aqui no Brasil, por causa do excesso de mão-de-obra. Também a Europa não é um paraíso, porque existem muitas pessoas que não trabalham e dependem dos benefícios pagos pela rede geral de previdência. A segurança social é consolidada, podendo ocorrer, em alguns governos, diminuição do nível de assistência pública para incrementar o setor privado.

Na Itália, muitas pessoas têm a previdência privada além da pública, mas é difícil dizer que uma pessoa não queira a previdência pública; é uma coisa a mais. Posso utilizar a previdência privada, porque, por exemplo, no final da idade de trabalho posso comprar um apartamento para um filho que irá casar.

Em relação ao desenvolvimento local, existe uma preocupação do poder público na promoção do território no sentido de adequar uma área para o turismo, ou valorização dos aspectos naturais. Obviamente algumas iniciativas devem ser públicas, porque fazer obras em um território turístico é uma ação que o Estado deve implementar, por se tratar de investimentos com resultados positivos para as firmas e para

as pessoas que moram no local e, ao mesmo tempo, é uma tendência européia. A infra-estrutura básica, as autopistas, antes eram implantadas com dinheiro público, mas hoje o Estado dá a concessão a empresas privadas que irão construir e cobrar pedágio nas estradas e taxas pela prestação de serviços.

É uma forma pública e privada ao mesmo tempo, pois o Estado tem o poder de apontar as necessidades e definir as prioridades para a realização de uma obra, como a construção de uma auto-pista, por exemplo, definindo o traçado e os padrões de construção, mas o investimento de capital será privado.

Existem espaços preferenciais para a construção das redes, pelo menos teoricamente. Pois é evidente que para a constituição de uma rede de informática, necessita-se que no espaço exista uma quantidade de pessoas usuárias e de firmas prestadoras de serviços. A formação desse tipo de rede não muda o espaço. Muito freqüente segue as mesmas rotas do desenvolvimento. A rede mundial de telecomunicações, por exemplo, é uma rede que tem a Europa, o Japão e os Estados Unidos como nós fundamentais. Na realidade, o espaço tem um significado abstrato, eu acho melhor falar em território, que é uma realização prática da vida. O espaço é uma coisa muito mais abstrata que concreta.

Celso: No livro "Internet, memória e oblio", L. de Carli (1997) afirma que "la diffusione della rete fa sì che ogni luogo sia contiguo a ogni altro, indipendentemente della reale distanza geografica. Anzi, viene a configurarsi una nuova geografia, nella quale gli ostacoli non sono più i mari e i monti bensì la diversa potenza dei computer collegati alla rete, l'efficienza dei servers o dei routers, oppure la diversa capacità della linee di trasmissione" (p. 18). Diante dessa afirmação, como podemos interpretar, do ponto de vista geográfico, a constituição e a configuração dessa rede na Itália e na Europa?

Alessandro Gallo: Bem, a rede Européia tem uma estrutura que segue a estrutura policêntrica, não é como a rede da América do Norte que só tem nós na parte do Atlântico e do Pacífico, porque tem sua origem no

Estado unitário. Na Europa, a configuração das redes tem mais ou menos a configuração antiga dos estados nacionais, não somente na rede de telecomunicações, mas também nas redes de transporte aéreo.

É difícil que uma rede possa mudar uma configuração histórica tão pesada. Hoje, o Brasil está muito mais perto da Itália que trinta anos atrás, e isso é uma realidade e não apenas uma afirmação científica.

Há mutação no conceito de distância, mais que na estrutura da topologia da rede. Também no interior das cidades a rede é realizada e construída seguindo as redes tradicionais de gás e de energia elétrica. É uma coisa interessante, porque um meio tão técnico segue a mesma estrutura da rede mais antiga. Uma coisa que a rede pode mudar é o conceito de soberania dos estados, porque é muito evidente que utilizando a tecnologia da informática você pode ultrapassar a fronteira nacional sem passaporte. A possibilidade de controle das fronteiras é reduzida, por se tratar de uma realidade muito diferente da fronteira física.

Marcelo: Como a informática cria novas fronteiras ou amplia as já existentes?

Alessandro Gallo: O conceito de fronteira em telecomunicações é muito diferente do conceito que se tinha, criou-se o conceito de fronteira vertical. A fronteira do mundo das telecomunicações é a fronteira cultural e não física.

Grupos sociais que tenham a mesma capacidade lingüística e tecnológica, pessoas que tenham computadores e falam inglês, que tenham a cultura da internet, compartilham de uma cultura transversal, mais que vertical.

A "conectividade" é um dos princípios fundamentais da sociedade tecnologicamente avançada e isso modifica a interpretação do território, colocando em discussão o princípio fundamental da cartografia tradicional, que é a continuidade do espaço. O problema não é aquilo que parece, ao contrário, deve-se preocupar sempre com uma interpretação baseada nos princípios da "conectividade" e da abordagem reticular.

Marcelo: Qual o papel do avanço das telecomunicações no processo de globalização e o que significa o aumento do fluxo de informações pelo Pacífico? Podemos considerar que o desenvolvimento dessa tecnologia está relacionado com o desenvolvimento global ou apenas regional?

Alessandro Gallo: Na realidade, quando se utiliza a palavra global uma parte do mundo não está inserida nela. Por exemplo, a geopolítica norte-americana entende a palavra global como a soberania americana, não só cultural mas também real.

O livro "*Um grande tabuleiro de xadrez*", traz a afirmação de que os EUA são a única potência global do mundo hoje. A globalidade dos americanos não é a mesma globalidade para os europeus, provavelmente também para os latino-americanos.

A globalidade é a tecnologia americana no mundo. A América possui a tecnologia mais evoluída, assim como a melhor organização econômica de suas firmas, o que lhes possibilita o estabelecimento de relações econômicas muito mais complexas. Os EUA possuem firmas que são atores econômicos mundiais. É muito importante a difusão de tecnologia, assim como de meios de comunicações, que são elementos fundamentais do processo de globalização e de domínio norte americano. Hoje quem tem a possibilidade de gerir informações tem o poder real.

Há uma soberania da tecnologia junto com a soberania sobre as informações. A maioria das notícias que você pode ler no jornal ou ver na televisão são informações que o Brasil e também a Itália ou a Bélgica compram de grandes agências de informações, que na maioria são norte-americanas.

Celso: Como se apresenta a configuração territorial italiana? Ela se constitui em um elemento importante para a compreensão da sociedade nacional? Há uma articulação entre as diferentes formas territoriais? De que forma essa articulação ocorre?

Alessandro Gallo: A Itália tem uma variedade muito grande, tanto econômica, como cultural e política. Mas tem um substrato comum: a

posição geográfica. A Itália ocupa uma posição de destaque no Mediterrâneo, em função da forma de seu território. A parte norte da Itália tem ligações muito fortes com a Austria, Alemanha, Eslovênia, Croácia e Hungria, que não é recente, mas sim histórica, pois no passado, uma parte do Vêneto integrou o império Austro-húngaro.

Quando se fala da Itália, podemos também utilizar o plural "Itálias": uma pluralidade econômica e geográfica que encontrou um motivo unificador em uma identidade cultural e em algumas regiões geohistóricas que permitiram que na segunda metade do século XIX se realizasse a unificação política de toda a península. Unificação que, em certa medida, não é para todos, plenamente completa. A forma particular (os italianos chamam familiarmente seu País de "Bota") teve certamente uma influência no posicionamento geopolítico de várias entidades estaduais precedentes à unificação.

A Sicília fica a 800km da África do Norte, e tem uma história muito importante ligada ao mundo árabe. A Itália do centro, onde hoje fica Roma, capital do catolicismo, é uma outra região geopolítica muito importante. Já o Piemonte tem uma ligação muito profunda com a França, tanto é que o sotaque piemontês é muito típico, havendo até a incorporação de palavras francesas ao vocabulário local.

Um elemento favorável à unidade italiana é de fato do país fazer parte da UE. Isso ocorre porque a constituição da UE é feita de maneira que preserva a unidade de cada país. Somente um estado nacional pode participar da UE.

Nos últimos anos está em curso um processo de reforma do Estado, visando transformar um Estado historicamente centralizador e regionalizado em uma Federação. Essa mudança é muito complexa, pois a redistribuição de poderes esbarra em muitos interesses e pode levar a uma série de pequenos poderes centralizados regionalmente. O principal elemento constitutivo da identidade italiana parece, de fato, localizar-se nas "centenas de cidades" que formam uma rede urbana policêntrica e rica de história. A região, como entidade administrativa, não tem as mesmas raízes profundas dos centros urbanos com histórias seculares.

Celso: O que caracteriza a indústria Italiana? Que fatores a torna competitiva no mercado europeu e mundial?

Alessandro Gallo: A característica principal da indústria italiana é a grande importância e predomínio das pequenas e médias empresas, em detrimento às grandes, na participação da produção industrial do país. Uma das características fundamentais desse tipo de indústria é estar profundamente radicada ao território e ao contexto social da comunidade em que se desenvolve e no interior da qual estabelece uma série de relações formais que caracteriza a estrutura organizativa. Ao mesmo tempo é muito importante sublinhar que os pequenos e médios empreendedores, que frequentemente fincam raízes no mundo artesanal, demonstram uma notável capacidade de agir nos mercados mundiais, exportando suas mercadorias para todo o planeta, graças ao alto nível de qualidade dos produtos e a consolidada especialização produtiva que lhes permite ser facilmente identificados do ponto de vista comercial.

No início do século XX, muito capital da França e da Alemanha foi investido no setor industrial italiano. Depois da Segunda Guerra Mundial, mesmo permanecendo como um país de economia de mercado, ocorreram muitos investimentos públicos no setor produtivo, processo que se estendeu até a década de 1980. Mudanças profundas ocorreram a partir de 1980, porque até então 45% do sistema industrial era estatal, quadro que se alterou completamente nas duas últimas décadas.

Hoje, no mercado europeu, que é um espaço de economia livre, uma firma alemã pode comprar uma firma italiana, sem nenhum problema legal.

Nesse momento estão ocorrendo mudanças muito significativas. É difícil em uma abordagem sistêmica fazer uma fotografia da indústria italiana. Não é fácil, porque eu posso dizer que a indústria italiana tem como característica ser predominantemente nacional, mas sua capacidade de transformação é muito grande. Há poucos anos as mais importantes indústrias italianas eram aquelas do setor mecânico (automobilístico, em particular), químico e têxtil, mas hoje são as do setor de telecomunicações.

Trata-se de um sistema industrial que faz parte de um espaço econômico livre e que tem uma composição que pode mudar a qualquer momento. A característica fundamental da época contemporânea é a velocidade das mudanças. Um processo muito particular, que junto com os problemas sociais torna-se extremamente complexo.

Celso: O que representa o movimento migratório em direção à Itália? Quais os aspectos positivos para a economia nacional? Que problemas este processo tem gerado?

Alessandro Gallo: A Itália tornou-se um país de imigração da Albânia, do norte da África e da Europa do leste e do extremo Oriente nos últimos 15/20 anos.

Uma parte consistente da população italiana não tem uma visão positiva desse fenômeno, porque considera o imigrante um intruso que rouba trabalho dos italianos, o que não condiz com a realidade. Um aspecto negativo, que não se pode deixar de ressaltar, é a utilização de estrangeiros, pelo crime organizado, para cometerem crimes para essas organizações criminosas. Mas, por outro lado, existem aspectos positivos e um deles está relacionado com a economia. Os imigrantes submetem-se à realização de trabalhos que os italianos se recusam a fazer. Por exemplo, nas fábricas de couro e curtumes existem trabalhos perigosos que utilizam substâncias químicas, onde os italianos se recusam a trabalhar. Essas vagas são preenchidas por estrangeiros. No Vêneto, por exemplo, no distrito industrial de couro e de curtume, uma porcentagem elevada dos trabalhadores é do norte da África.

Um aspecto importante que deve ser notado é que a concorrência dos imigrantes incide particularmente nas fases de trabalhos menos especializadas porque, obviamente, os fluxos migratórios são compostos por pessoas normalmente com escassa qualificação ou com baixo grau para serem absorvidos em outras atividades.

Na realidade, a Itália é um país rico, mas uma riqueza que não é tão grande para sustentar milhões de pessoas ou, numa perspectiva italiana e européia, ninguém deixa de consumir, inclusive produtos

supérfluos para poder ajudar um imigrante – ninguém quer abrir mão de privilégios para resolver os problemas sociais.

Um problema real é a clandestinidade de uma parcela significativa dos imigrantes, que por sua vez apresenta uma taxa de criminalidade alta o que, de qualquer modo, parece sê-lo porque a atenção da mídia evidencia esse aspecto muito mais para os imigrantes do que para os italianos. Além desse aspecto, são imigrantes de cultura islâmica, que é muito diferente da cultura ocidental e, ainda, não há um processo de integração dessa população no país.

O pequeno empreendedor diz que precisa da mão-de-obra dos imigrantes, mas ao mesmo tempo, a população que mora na região não gosta da presença dos imigrantes. O imigrante pode representar um elemento útil para a produção, mas social e culturalmente é um elemento fora do contexto. Os empresários são mais receptivos e vêem com bons olhos a situação do imigrante, porque ele precisa da mão-de-obra e, nesse caso, barata.

A imigração acaba sendo um mal necessário. Realmente é um fato muito novo na Itália, que em alguns bairros de Roma um percentual alto da população são da Europa do Leste ou do norte da África.

Na verdade, algumas zonas são perigosas, dependendo da origem dos imigrantes. Por exemplo, um engenheiro polonês que chega na Itália para trabalhar como carpinteiro ou como pedreiro, mesmo empregando-se em funções que exigem uma formação muito aquém da sua, ele não é um problema porque ganhará de duas a três vezes o que ganharia como engenheiro na Polônia. Mas os imigrantes clandestinos da Albânia, que serão aliciados por uma rede criminal similar à máfia, que tem o controle do tráfico de droga, da prostituição e do comércio ilegal, esses sim, constituem um problema sério.

A Itália tem um problema com a máfia russa, que é pior que a máfia italiana. Também, a imigração da África do Norte é tranqüila, pois são pessoas que normalmente sobrevivem do comércio informal, não sendo tão marginalizados.

O problema fundamental da imigração italiana é a clandestinidade, o que tem como conseqüência a inviabilização da implantação de programas sociais.

Eu acho que o povo italiano não é xenófago, mas provavelmente não tenha a capacidade de entender culturas tão diferentes. É uma forma de provincianismo.

Celso: Levando em consideração os aspectos culturais, em suas várias dimensões, econômicos e tecnológicos, podemos realizar uma regionalização da Europa?

Alessandro Gallo: Podemos dizer que o nível tecnológico é muito similar, assim como as telecomunicações. Há um nível diferente de utilização, por exemplo, de tecnologias como robôs, máquinas automáticas, em áreas mais desenvolvidas como o Norte da Itália, a região de Londres e outras áreas fortemente urbanizada da França setentrional, Bélgica, Holanda e Alemanha setentrional.

No âmbito europeu coexistem, porém, situações de riqueza e de pobreza que representam uma área unitária e ao mesmo tempo internamente diferenciada. O desnível entre regiões avançadas e aquelas estagnadas é agora notado. A EU, em uma das suas linhas políticas, visa reduzir essas diferenças. Na realidade, alguns resultados conseguidos são reflexões da reunificação alemã – com a inevitável atenção maior da Alemanha para os problemas da parte oriental – e o ingresso, em breve, de alguns países da Europa Centro-oriental (entre os quais temos a Polônia, Hungria, República Tcheca e Eslováquia), havendo, portanto, um redirecionamento das ajudas e dos financiamentos a um número maior de pessoas e uma diminuição dos investimentos a favor das áreas tradicionalmente menos desenvolvidas como aquelas da região mediterrânea que inclui a Itália meridional, a Espanha, Portugal e a Grécia.

ARTIGOS